

Dialética e retórica no discurso de Betti Katzenstein¹

Cláudia Roberta Borsato
clau2b@yahoo.com – USP/CNPq

Marcus Vinicius da Cunha
mvcunha@yahoo.com – USP

Resumo

Este trabalho examina uma série de artigos de autoria de Betti Katzenstein publicada na coluna Clínica Psicológica, seção do Caderno Feminino do jornal *Folha da Manhã*, entre 1947 e 1948. A análise emprega os recursos teórico-metodológicos adotados pelo Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia* (USP/CNPq), cujos fundamentos encontram-se na obra de Chaïm Perelman e de outros autores vinculados ao movimento de revisão da filosofia de Aristóteles iniciado na primeira metade do século XX. Nessa metodologia, consideram-se os três elementos centrais da retórica, segundo Aristóteles: as qualificações do orador, as disposições do auditório e o discurso proferido. O trabalho apresenta informações biográficas sobre Katzenstein, no intuito de posicioná-la como oradora autorizada a discorrer sobre temáticas psicológicas e educacionais. Apresenta também uma descrição do contexto em que a oradora se pronuncia, focalizando particularmente o movimento educacional renovador denominado *Escola Nova*. Com base nesses dados, é feita a caracterização dos auditórios a que se dirigem os artigos, os quais são examinados segundo os conceitos de *dialética e retórica*.

Palavras chaves: Educação Brasileira – Escola Nova – Discurso Pedagógico – Análise Retórica

Dialectic and rhetoric in the discourse of Betti Katzenstein

Abstract

This work examines a series of articles written by Betti Katzenstein and published between 1947 and 1948 in the column Psychological Clinical, a feminine section of a São Paulo journal of news named *Folha da Manhã*. The analysis uses the theoretical-

¹ As pesquisas que deram origem a este trabalho contaram com subsídios do CNPq (Bolsas Pós-Doutoramento e Produtividade em Pesquisa).

methodological resources adopted by the *Rhetoric and Argumentation in Pedagogy* Research Group (USP/CNPq), which foundations are in Chaïm Perelman's work and other authors linked to the revision of Aristotle's philosophy started in the first half of 20th century. In that methodology, three central elements of the rhetoric, according to Aristotle, are considered: the speaker's qualifications, the dispositions of the auditorium and the uttered speech. The work presents biographical information about Katzenstein, positioning herself as a speaker authorized to utter discourses about psychological and educational themes. It also presents a characterization of the context in which the speaker pronounces the speech focusing particularly the movement of educational renewal named *New School*. Based on these data, it is made a characterization of the auditoriums to which the articles are destined; it is also made an exam of the articles according to dialectical and rhetorical concepts.

Keywords: Brazilian Education – New School – Pedagogical Discourse – Rhetorical Analysis

Introdução

Este trabalho analisa uma série de artigos de autoria de Betti Katzenstein publicada na coluna Clínica Psicológica, seção do Caderno Feminino do jornal *Folha da Manhã*, entre 1947 e 1948.² A relevância desse material deve-se, primeiramente, às qualificações da autora, que teve marcante atuação nas áreas de Psicologia e Educação. Deve-se também à temática abordada, as relações entre família e escola, assunto de notória importância no contexto da renovação educacional que à época se pretendia efetivar em conformidade com novos parâmetros científicos. Deve-se, por fim, ao modo como a autora organiza seus textos, compondo diálogos fictícios entre uma psicóloga e uma mulher comum, a quem denomina Dona Anastácia – linguagem muito distinta da que se observa em escritos acadêmicos.

A análise aqui desenvolvida emprega os recursos teórico-metodológicos adotados pelo Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia* (USP/CNPq), cujos fundamentos derivam de autores pertencentes ao movimento de revisão da filosofia aristotélica iniciado na primeira metade do século XX. A principal fonte desses recursos é o *Tratado da argumentação* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.

² Esse jornal começou a circular em 1925 como edição matutina da *Folha da Noite*, criada em 1921; em 1949, a mesma empresa editorial começou a publicar a *Folha da Tarde*; os três noticiários permaneceram ativos até 1959, sendo fundidos no ano seguinte para dar origem à *Folha de S. Paulo*, até hoje em circulação.

5), obra dedicada à articulação de um método para o exame de discursos impressos, recuperando o “espírito com o qual a Antiguidade se ocupou de dialética e de retórica”. Nessa abordagem, os textos impressos são analisados por intermédio dos três elementos constituintes das situações em que se pronunciavam os oradores na *polis* grega, conforme se encontra na *Retórica* de Aristóteles (2011b): *ethos*, *logos* e *pathos*.

Ethos é o termo pelo qual se designa a posição ocupada pelo orador, o qual, na investigação de impressos, corresponde à figura do autor do texto; *logos* refere-se ao discurso proferido, cujo correspondente são os argumentos desenvolvidos no texto; *pathos* diz respeito à constituição psíquica e social do auditório a que se dirige o orador, o que se identifica como o conjunto de disposições dos leitores. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50), o objetivo de toda argumentação é “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”, sendo mais eficaz o discurso que desencadeia nos ouvintes “a ação pretendida (ação positiva ou abstenção)”, ou que, ao menos, cria “uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno”.

No livro I da *Retórica*, Aristóteles (2011b) explica que na Grécia Clássica os oradores apresentavam-se em três situações típicas, caracterizando-se assim os três gêneros retóricos: nas assembleias, o discurso deliberativo visava aconselhar e desaconselhar, julgando sobre o conveniente e o prejudicial, com os olhos postos no futuro; nos tribunais, o discurso judicial ocupava-se de acusar e defender, levando em conta o justo e o injusto, por meio do exame de fatos passados; nas situações festivas e fúnebres, o discurso epidítico louvava e censurava, discorrendo sobre o belo e o feio, mediante fatos presentes.

Aristóteles entende a retórica como “a contraparte da dialética” (*Retórica*, I, 135a1), uma vez que as duas artes referem-se a coisas “que se situam, mais ou menos, no horizonte geral de todos os indivíduos, sem ser do domínio de nenhuma ciência determinada”. Enquanto a retórica compreende o discurso de um orador que se dirige a um auditório, a dialética é uma disputa em que dois adversários que se confrontam, cada qual defendendo uma tese, sagrando-se vencedor aquele que consegue reduzir o outro ao silêncio. Reboul (2004, p. 35) lembra que Aristóteles, no entanto, afastou a dialética dessa função erística, situando-a como “arte do diálogo ordenado”, na qual se raciocina a partir do provável, não do necessário. Segundo explica o filósofo, a dialética serve ao exercício intelectual que conduz aos “fundamentos primários de cada ciência” (*Tópicos*,

I, 101a35), tratando-se, portanto, de uma arte de “natureza investigativa”, útil ao exercício da investigação (idem, 101b1).

A dialética estuda o que é “anterior à demonstração lógica e científica”, ocupando-se “do provável, da opinião e das crenças que tornam plausíveis as inferências aos olhos de um dado auditório” (Meyer, 2000, p. 30). Nesse aspecto, assemelha-se à retórica, que também toma como ponto de partida opiniões aceitas ou prováveis (*endóxa*). As duas artes se aproximam por permitirem provar tanto uma tese quanto o seu oposto; embora não sejam ciências, no sentido aristoteleciano, ambas são úteis à discussão de assuntos controversos, por meio de técnicas que podem ser ensinadas metodicamente; tanto a dialética quanto a retórica permitem fazer a distinção entre o verdadeiro e o aparente, empregando o mesmo tipo de argumentação, a dedução e a indução.

Reboul (2004, p. 35) destaca que a retórica e a dialética não constituem uma mesma disciplina, pois a primeira utiliza a segunda “como um meio, entre outros, de persuadir”. A dialética é “a parte argumentativa da retórica”, sendo a retórica uma “aplicação” da dialética, pois a utiliza como instrumento intelectual de persuasão (idem, p. 37). A intenção de persuadir, portanto, é o elemento de distinção entre ambas, o que faz da noção de *auditório* o elemento central na definição da retórica. Como assume Berti (1997, p. 297), nessa arte os argumentos integram-se a uma reflexão tanto sobre o “caráter do orador” quanto sobre as “paixões dos ouvintes”; enquanto a dialética é um “diálogo entre dois interlocutores”, composto por perguntas e respostas, a retórica é um “discurso ‘longo’ voltado a um auditório silencioso”.

Tomando por base esses parâmetros, o presente trabalho traz informações biográficas sobre Betti Katzenstein, no intuito de posicioná-la como oradora autorizada a discorrer sobre temáticas psicológicas e educacionais. Traz também uma descrição do contexto em que a oradora se pronuncia, focalizando particularmente o movimento educacional renovador denominado *Escola Nova*.³ Esse contexto é relevante para caracterizar os auditórios a que se dirigem as matérias da Clínica Psicológica de Katzenstein, as quais são analisadas segundo os conceitos de *dialética* e *retórica* aqui expostos. Ao término dessas reflexões, serão apresentados alguns norteamentos para a continuidade desta investigação.

³ As duas primeiras partes deste trabalho foram extraídas da comunicação intitulada “O discurso pedagógico de Betti Katzenstein”, apresentada pelos autores deste trabalho no VI Congresso Brasileiro de História da Educação, Vitória, 2011.

A oradora⁴

Betti Katzenstein nasceu em agosto de 1906, em Hamburgo, Alemanha, e em 1929 concluiu o curso de Filosofia na Universidade de Hamburgo, cujo currículo era direcionado ao campo da Psicologia. Concluiu o doutorado em Filosofia em 1931 na mesma Universidade, onde passou a trabalhar nas áreas de Educação, Psicologia da Comunicação e Psicologia do Direito. Em 1933, com a ascensão do nazismo, Katzenstein foi demitida, juntamente com vários outros funcionários. Para sobreviver, passou a oferecer aulas particulares, mas em 1935 foi acusada de se relacionar com militantes comunistas; presa e sob a ameaça de ser enviada a um campo de concentração, refugiou-se na Suíça.

Em 1936, Betti conseguiu chegar ao Brasil, com a ajuda de um irmão que vivia neste país desde 1934. No mesmo ano, ingressou como colaboradora voluntária no Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, onde se tornou assistente em 1937, trabalhando na área de serviços psicológicos à comunidade, por meio de convênio com a Secretaria da Educação. Em 1939, naturalizou-se brasileira.

Katzenstein desenvolveu diversos trabalhos de assistência a mulheres e famílias de imigrantes, bem como inúmeros estudos de casos de crianças e orientação vocacional visando à inserção das mães no mercado de trabalho. Realizou estudos sobre maturidade escolar em crianças candidatas ao ensino primário, fazendo também o acompanhamento de alunos nos dois primeiros anos de escolarização. Além disso, publicou vários trabalhos em revistas especializadas, contribuindo para expandir o conhecimento sobre o universo infantil, no intuito de colaborar com a melhoria da educação.

Em 1945, ela ajudou a fundar a Sociedade de Psicologia de São Paulo; em 1947 foi contratada para dar aulas de Psicologia na Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; em 1950, assumiu a chefia da Divisão de Educação Pré-Primária do Departamento de Educação de São Paulo, desenvolvendo trabalhos de pesquisa e de orientação de professores. Considerada uma das maiores especialistas em “retardo mental” (como se dizia na época), contribuiu em 1961 com a fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Paulo. O

⁴ Os dados desta seção foram obtidos no endereço <http://www.crpssp.org.br/memoria/memoria>. Acesso em: 15 jan. 2010.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, criado em 1974, tem seu nome entre as primeiras inscrições, sob o número CRP 27.

Durante mais de 40 anos, Betti Katzenstein realizou atendimentos a pais, crianças e adolescentes. Ela via os testes como instrumentos valiosos, razão pela qual dirigiu estudos sobre esses instrumentos, a serem aplicados juntamente com entrevistas, pesquisas de álbuns de fotografia, diários e materiais escolares, e também observações de crianças em situações reais de vida, em casa, na escola e em atividades livres. Em 1976 foi contratada como docente da Universidade Estadual Paulista em Assis, interior de São Paulo, onde chefiou o Departamento de Psicologia e coordenou a Clínica Psicológica fundada em 1969. Em 1980, retornou a São Paulo e retomou o atendimento em consultório, falecendo em julho do ano seguinte. Todo seu arquivo pessoal, contendo milhares de fichas individuais de pacientes, foi, por desejo pessoal, incinerado.

A trajetória de vida e de trabalho de Betti Katzenstein evidencia valiosas contribuições às áreas da Psicologia e da Educação, não só por meio de trabalhos acadêmicos, como também na área de atendimento à comunidade, o que fez também como colaboradora de jornais de notícias, como *Diário Popular*, *O Estado de São Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*. Suas atividades jornalísticas começaram em 1940; em 1947 e 1948, ela foi responsável pela coluna Clínica Psicológica na *Folha da Manhã*, cujos artigos são estudados neste trabalho.

O contexto do discurso

No início do século XX, em meio a grandes transformações vividas pelo mundo ocidental, desenvolveu-se o movimento de renovação educacional denominado *Escola Nova*. No Brasil, esse movimento teve início na década de 1920, atingindo seu auge em 1932 com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Seu objetivo era “socializar crianças e jovens, ou seja, ensinar com o propósito de colocar o educando em condição de responder aos requisitos da nova sociedade” (Cunha, 2003, p. 455). Para ajustar os indivíduos à sociedade, era preciso, antes de tudo, compreender objetivamente as características psicológicas, biológicas e sociais dos educandos.

Segundo a visão dos escolanovistas, a escola deveria “oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber”. O educando deveria assumir “soberanamente o centro dos processos de aquisição do conhecimento escolar”, o que significava colocar

“aprendizagem em lugar de ensino” (Vidal, 2003, p. 498). A Escola Nova era orientada por dois princípios básicos: “respeito à criança, na condição de indivíduo que se desenvolve biológica, social e psicologicamente, e atendimento às necessidades sociais do novo país que se esperava construir” (Cunha, 1998, p. 46).

Opondo-se ao modelo de educação até então vigente, o ideal de respeito à criança traduzia-se na adoção de modelos menos impositivos de ensino, devendo a escola ver o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento. A consideração pelas necessidades sociais, por sua vez, implicava não abdicar da organização das matérias, do planejamento das aulas e de medidas disciplinares. O educando deveria tornar-se figura central, sem que a escola abandonasse a sua responsabilidade como instituição pública encarregada de educar (Cunha, 1995).

Segundo Cunha (1996; 1997; 1998), os pensadores escolanovistas brasileiros acreditavam que o trabalho da escola somente alcançaria resultados efetivos se recebesse a colaboração da família. Todas as famílias, independentemente da classe social, eram objetos do discurso educacional renovador, que considerava que os pais e as mães já não compunham a principal instituição educadora; a tarefa de educar era vista como responsabilidade de profissionais que, na qualidade de detentores do conhecimento científico, veiculavam os saberes relativos à condução dos educandos rumo às exigências sociais. Uma vez que a escola renovada tinha por objetivo educar crianças e jovens para adequá-los a uma sociedade ideal, era preciso também “adequar a esse ideal todos aqueles que constituíssem obstáculo ao desenvolvimento social” (Cunha, 2003, p. 459), no que se incluíam as famílias. Desse modo, pais e mães passavam a uma posição coadjuvante na educação de seus filhos, devendo ser também orientados a contribuir com a escola.

Os estudos de Cunha acima citados mostram que, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, foi publicado vasto material sobre educação e formação familiar em periódicos especializados, como *Revista de Educação*, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, *Educação e Ciências Sociais* e *Pesquisa e Planejamento*. O objetivo dessas matérias era difundir matérias de caráter científico dirigidas aos profissionais da educação, possuindo intuítos formativos em sintonia com os ideais da renovação educacional. Os artigos de Betti Katzenstein são da mesma natureza dessas matérias de teor acadêmico por coincidirem com as metas do movimento escolanovista no que tange à disseminação de orientações científicas, particularmente acerca das relações entre escola e família. A diferença entre os dois tipos de escritos reside, primeiramente, no veículo utilizado, pois

Katzenstein opta por um jornal destinado ao leitor comum. Além disso, e principalmente, a diferença encontra-se na forma do discurso, conforme será explicitado a seguir.

Um discurso para dois auditórios

Betti Katzenstein publicou 41 artigos em sua Clínica Psicológica. A primeira edição da coluna esclarece que os textos serão apresentados “de forma dialogada”, contendo “a exposição dos casos mais comuns – por assim dizer estilizados – duma clínica da sua especialidade”. Esclarece também que tais diálogos “dizem respeito sobretudo às mães”, que serão representadas pela personagem fictícia Dona Anastácia, mulher “boazinha” e de “inteligência comum” que “adota sem maiores exames a opinião corrente”, tendo como interlocutora uma Psicóloga. Katzenstein diz ainda que “as leitoras verificarão por si mesmas que muita gente existe parecida com Dona Anastácia” (Katzenstein, 1947b, p. 5).

O exame desses artigos revela que a preocupação central de Katzenstein era com a educação infantil, temática geral que pode ser dividida em três agrupamentos. No primeiro encontram-se 24 matérias relativas a assuntos como a relação entre pais e filhos, as dificuldades escolares, as brincadeiras infantis e os problemas encontrados no ambiente doméstico. No segundo, com 12 artigos, a mesma temática se apresenta, embora de maneira menos direta, pois o que se discute é o abandono de crianças provocado pela situação pós-guerra e a atuação do orientador profissional no acompanhamento de alunos. O último agrupamento contém 5 matérias dedicadas a prestar esclarecimentos e orientações aos leitores, discorrendo sobre temas variados, como a formação de bons educadores e a eficácia dos testes psicológicos, o que, de certo modo, também se enquadra no campo da educação infantil.

Os textos contendo estrutura dialogada somam apenas 16, pois, a partir da décima segunda edição da coluna, Katzenstein passou a intercalá-los com artigos que não exibem a interlocução entre as personagens Dona Anastácia e a Psicóloga. O intuito dessas matérias é responder a “várias perguntas” formuladas pelos leitores acerca das “colaborações dominicais” prestadas pela autora (Katzenstein, 1947a, p. 4). Dessas 16 matérias, 13 pertencem ao primeiro agrupamento, sendo diretamente ligadas à educação infantil, enquanto 2 pertencem ao segundo agrupamento, trazendo o mesmo tema em plano secundário, e 1, ao terceiro grupo, tratando de temas diversificados, inclusive a educação das crianças.

Todos os textos dialogados exibem a mesma estrutura: após Dona Anastácia apresentar um problema, a Psicóloga procede a uma série de indagações cujo objetivo é modificar a opinião da interlocutora; o diálogo é sempre concluído com Dona Anastácia exibindo um ponto de vista diferente do inicial, mostrando concordância com a Psicóloga. O discurso veiculado por esses 16 textos cumpre dupla função, dirigindo-se a dois auditórios distintos. A primeira função consiste em difundir ensinamentos acerca dos variados assuntos em pauta, certamente refletindo a experiência clínica de Katzenstein, cientificamente fundamentada.⁵ O auditório a que esses textos se dirigem é composto por leitores comuns, pais e mães, interessados em obter orientações sobre como devem agir em relação a seus filhos, particularmente no que tange à situação escolar e às relações da escola com o ambiente doméstico. A segunda função consiste em oferecer subsídios a um auditório mais restrito, provavelmente constituído por educadores profissionais que se veem diante da necessidade de modificar concepções assumidas por pessoas como Dona Anastácia, personagem descrito pela autora como alguém de “inteligência comum” que adota “sem maiores exames a opinião corrente”.

Ensinamentos ao primeiro auditório

Ao primeiro auditório, constituído por pais e mães, Katzenstein prescreve ensinamentos potencialmente capazes de modificar certas concepções vigentes acerca da educação infantil. Nesse aspecto, o discurso veiculado pela Clínica Psicológica vai ao encontro das metas estabelecidas pelo movimento educacional renovador, conforme descrito acima, uma vez que contribui para reformar os parâmetros da vida doméstica, a serem postos doravante em acordo com orientações advindas da pedagogia, cujos fundamentos encontram-se nos saberes oferecidos pela ciência psicológica.

Para que as atividades escolares se desenvolvam adequadamente, a instituição de ensino precisa contar com pais e mães esclarecidos e competentes para atuar diante de certos fenômenos da vida infantil. Por isso, Katzenstein ensina, por exemplo, que o medo sentido pelas crianças é, muitas vezes, responsabilidade dos pais, que passam a elas os seus próprios temores; é preciso descobrir as razões do problema e compreender que a sua ocorrência é comum em certa idade (Katzenstein, 1947f, p. 5). No caso de

⁵ A análise dessas matérias não permite identificar linhas teóricas ou paradigmas científicos que estivessem servindo de orientação para as intervenções da Psicóloga. Pode-se presumir que Katzenstein fazia uso do longo aprendizado advindo de sua atuação profissional e acadêmica, pois quando começou a publicar a coluna Clínica Psicológica, em 1947, já acumulava muitos anos de trabalho nas áreas de Psicologia e Educação, conforme já foi descrito em seção anterior deste estudo.

filhos de mães que foram abandonadas pelos maridos ou que perderam seus cônjuges muito cedo, os textos da Clínica Psicológica abordam os preconceitos da opinião pública e os conflitos decorrentes da falta de uma vida familiar regular; por não dizerem a verdade aos filhos, muitas mães ocasionam revoltas, traumas e inseguranças (Katzenstein, 1947h, p. 5). Sobre crianças solitárias e associadas, aprende-se com os artigos que os pais têm papel decisivo no processo de ajustar a criança aos seus semelhantes (Katzenstein, 1947j, p. 5).

As brincadeiras infantis são um tema igualmente relevante para a educação escolar, devido à influência que exercem sobre o desenvolvimento das crianças. A esse respeito, Katzenstein (1947k, p. 5) alerta para o cuidado que os adultos devem ter na escolha de brinquedos adequados a cada idade. A respeito de dificuldades no ambiente familiar, compreende-se que um lar marcado por muitas proibições aos filhos e discussões entre os pais pode trazer dificuldades ao desenvolvimento da criança (Katzenstein, 1947l, p. 5). Quando o assunto é delinquência, os artigos ensinam que a causa, muitas vezes, é o desinteresse dos pais pelos filhos, o que pode produzir indivíduos inseguros (Katzenstein, 1948a, p. 5). Situações graves, como a de crianças quem vivem em asilos, são também analisadas por Katzenstein (1947e, p. 5), que considera que aquelas permanecem com suas famílias são mais felizes do que as asiladas, pois o ambiente doméstico permite que se sintam mais seguras, queridas e livres. Os artigos ensinam ainda que os problemas das crianças adotivas não são provocados por elas mesmas, mas pelos lares que as recebem (Katzenstein, 1947d, p. 5).

Acerca das dificuldades escolares, tema fundamental em todas as teorizações sobre a nova escola, os artigos informam que a criança com baixo rendimento é um problema comum a várias famílias, devendo ser diagnosticado por intermédio de testes, para que se possa verificar um possível distúrbio emotivo ou uma deficiência mental (Katzenstein, 1947b, p. 5). No caso de superdotados, uma vez feito o diagnóstico por meio de provas de inteligência, os pais e a escola devem tomar providências para adaptar o ambiente às necessidades da criança (Katzenstein, 1947c, p. 7). Ao tratar de questões relativas às notas escolares, os artigos prescrevem a importância da participação dos pais nas atividades dos filhos, o que refletirá tanto no aproveitamento e desenvolvimento das crianças como no trabalho dos professores, que se sentirão valorizados com essa manifestação de interesse (Katzenstein, 1947i, p. 7). Para o medo dos exames escolares não há solução única; o problema atinge tanto os alunos quanto os

pais, sendo necessário que a família e os professores colaborem mutuamente para que o aprendiz desenvolva autoconfiança (Katzenstein, 1947g, p. 4).

Ensinamentos ao segundo auditório

Ao segundo auditório, formado por profissionais do ensino, a Clínica Psicológica oferece contribuições de natureza técnica, indo ao encontro dos ideais de renovação educacional que advogam a necessidade de aprimorar os conhecimentos de todos os envolvidos na tarefa de educar, no âmbito das instituições escolares. Esse aprimoramento deve-se ao fato de a nova pedagogia necessitar de professores diferentes dos tradicionais, uma vez que a sua atuação implica manter contato com as famílias, cujas condutas devem ser ajustadas às novas diretrizes pedagógicas. Nos diálogos entre as personagens fictícias de Betti Katzenstein, encontram-se importantes lições de persuasão, o que se pode notar pela análise das técnicas argumentativas utilizadas pela Psicóloga para modificar as opiniões de Dona Anastácia; lições possivelmente úteis no ambiente real de trabalho dos profissionais da educação.

Na interlocução com Dona Anastácia, a Psicóloga usa com frequência a *comparação*, recurso argumentativo que consiste em posicionar vários objetos frente a frente, com o intuito de medi-los. A comparação pode ser efetivada por *oposição*, simplesmente contrapondo os elementos comparados; por *ordenação quantitativa*, utilizando parâmetros objetivos de mensuração; e por *ordenamento*, quando a operação implica seguir do “mais” para o “menos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 275). Quando examina crianças que vivem em asilos e crianças que possuem um lar, afirmando que as segundas são mais felizes que as primeiras (Katzenstein, 1947e, p. 5), a Psicóloga emprega uma comparação por ordenamento, procedendo como se houvesse uma escala que vai da infelicidade total à completa felicidade.

A *analogia* é uma comparação entre elementos de campos distintos, sem a intenção de medi-los. Trata-se de estabelecer uma “similitude de estruturas”, como quando se diz, por exemplo, “A está para B, assim como C está para D.” Os termos A e B são denominados *tema*, consistindo em algo a ser provado, enquanto C e D recebem o nome de *foro*, o que viabiliza a prova, sendo algo já conhecido, geralmente advindo do “domínio sensível e concreto” (Reboul, 2004, p. 185). É célebre a frase “A velhice está para a vida, assim como a noite está para o dia”, cuja intenção é esclarecer o significado do termo *velhice*, no âmbito da vida, por meio do já conhecido significado da palavra *noite*, no transcurso do dia. A Psicóloga de Katzenstein utiliza esse recurso com

frequência: por exemplo, ao explicar que não existe solução única para o medo dos exames escolares, assim como não há um remédio que sirva para todas as cefaleias (Katzenstein, 1947g, p. 4); e ao explicar que a escolha de brinquedos para as crianças é tão importante quanto resolver sobre o tecido que será usado na confecção de um vestido novo (Katzenstein, 1947k, p. 5).

A *metáfora*, recurso considerado de grande poder persuasivo, é uma “analogia condensada”, composta pela fusão de um termo do foro com um elemento do tema (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 453), consistindo, portanto, na atribuição de “predicados a algo que não se conhece, com base em algo já conhecido” (Cunha, 2004, p. 117). Assim, da analogia “A está para B, assim como C está para D”, resulta a expressão metafórica “A é C de B”. Na analogia mencionada acima, a metáfora resultante dirá que a velhice é *a noite da vida*. Para que o recurso seja eficiente, do ponto de vista persuasivo, é preciso escolher cuidadosamente os elementos do foro, que devem pertencer ao universo cognitivo do interlocutor, de maneira a resultar na elucidação dos termos do tema. Ao explicar a Dona Anastácia a relevância da atividade de brincar para a vida da criança, a Psicóloga recorre a uma analogia: a privação dessa atividade – a “carência lúdica” – acarreta o mesmo efeito que a falta de vitaminas ocasiona na saúde física de uma pessoa (Katzenstein, 1947k, p. 5), o raciocínio contém a metáfora *vitamina do desenvolvimento psicológico* como expressão do significado de brincar.

O *exemplo* está entre as técnicas mais utilizadas pela Psicóloga. Trata-se de um tipo de argumento que conduz “do fato à regra” (Reboul, 2004, p. 181), consistindo em uma “generalização a partir de casos particulares” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 399). Pela exibição desses casos chega-se a uma regra geral cuja sustentação se dá exclusivamente pelos casos expostos. Ao tratar do medo nas crianças, que muitas vezes é provocado pelos pais, a Psicóloga descreve a situação em que uma criança não quer ir à escola por temer que a mãe vá embora; a razão desse quadro é que, a cada discussão que tem com o filho, a mãe sempre ameaça abandoná-lo (Katzenstein, 1947f, p. 5). Para chegar à conclusão de que as famílias nem sempre estão preparadas para a adoção de crianças, a Psicóloga conta o caso de pais que ofereceram à filha adotiva um ambiente psicológico degradado, com privação de carinho e de diversão, provocando frustração e revolta na criança (Katzenstein, 1947d, p. 5).

O recurso denominado *ilustração* é semelhante ao *exemplo*, consistindo também na apresentação de casos particulares. A diferença é que a *ilustração* tem o intuito de

“reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita”, e a exposição dos diversos casos possui a função de esclarecer o enunciado geral pronunciado anteriormente (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 407). Após enunciar a tese de que crianças que vivem com suas famílias podem se tornar solitários e sociais, a Psicóloga apresenta a situação de uma mãe que impede o filho de brincar com outras crianças, por temer que ela volte a contrair alguma doença (Katzenstein, 1947j, p. 5). Para firmar a ideia de que o ambiente pode favorecer o desenvolvimento da delinquência, é exposto o caso de crianças que retiram coisas de casa sem comunicar aos pais, por estarem insatisfeitas com as atividades proporcionadas pelos pais e desejarem novas “diversões” (Katzenstein, 1948a, p. 5).

O estabelecimento de *vínculo causal* permite três tipos de argumentações: a que relaciona mutuamente dois acontecimentos sucessivos, estabelecendo uma ligação causal entre eles; a que busca a causa de um acontecimento dado; e a que, diante de uma ocorrência, procura encontrar o seu efeito (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 299-300). Nos artigos da Clínica Psicológica, os diálogos que apelam a vínculos causais são sempre do segundo tipo, uma vez que o ponto de partida é, invariavelmente, a apresentação de um problema por Dona Anastácia. Em seguida, a Psicóloga busca os fatores que o desencadearam, como ocorre com uma mãe rejeita o filho e o veste com roupas de menina, fazendo dele motivo de piadas na vizinhança; a causa, segundo a Psicóloga, é que a mãe desejava ter uma filha, em vez de um filho (Katzenstein, 1948b, p. 5). Outro problema apresentado é o de crianças com “atraso” no desenvolvimento, o que é explicado como consequência da privação da atividade de brincar ou de brincadeiras com brinquedos inadequados à idade (Katzenstein, 1947k, p. 5).

Considerações finais

Os conceitos de *dialética* e *retórica*, conforme apresentados na seção introdutória do presente trabalho, e o estudo dos recursos argumentativos elaborado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) no *Tratado da argumentação* auxiliam no exame dos diálogos da Clínica Psicológica, revelando, primeiramente, que as técnicas ensinadas por Katzenstein por intermédio da Psicóloga pertencem ao campo da persuasão.

A técnica da *comparação* integra o rol dos argumentos “quase lógicos”, assim denominados por darem a impressão de conter um critério objetivo de medida, quando, na verdade, o que utilizam são parâmetros aleatórios (Perelman; Olbrechts-Tyteca,

2005, p. 274-275). Os *vínculos causais* visam conferir certa estrutura ao real (idem, p. 308), o que é decisivo na arte de argumentar, pois é sobre uma imagem da realidade que se podem sugerir condutas adequadas a determinados fins. O poder persuasivo da *analogia*, da *metáfora*, do *exemplo* e da *ilustração*, por sua vez, é alicerçado na constituição de vínculos entre o que já se sabe e o que se desconhece, o que confere feições mais precisas à referida estrutura (idem, p. 399-465).

Embora cada uma dessas técnicas possua características específicas, todas elas posicionam o orador à distância do raciocínio analítico, pois tais recursos de argumentação fazem parte dos argumentos indutivos descritos por Aristóteles (2005) nos *Tópicos*. É possível supor que Betti Katzenstein considerasse tais meios de persuasão dotados de grande eficácia, constituindo valiosa contribuição ao desempenho dos educadores profissionais envolvidos na tarefa de argumentar com pais e mães para modelar as disposições e as práticas educativas domésticas, com o propósito de colocá-las em sintonia com os preceitos científicos da educação de crianças, e assim atender às metas da nova pedagogia.

Além disso, os diálogos elaborados por Katzenstein instituem a distinção entre o verdadeiro e o aparente, tal qual na dialética, tendo como ponto de partida opiniões geralmente aceitas, pertencentes ao senso comum das famílias que ainda não assimilaram os conhecimentos científicos da área da educação infantil. Percebe-se, no entanto, que tais diálogos não são imbuídos de intenções genuinamente investigativas, como é característico da dialética, uma vez que os interlocutores da Clínica Psicológica não se situam no mesmo patamar de conhecimento. A Psicóloga, e somente ela, conhece previamente a conclusão das discussões originadas pelos problemas trazidos por Dona Anastácia, que é então conduzida aos saberes que a especialista considerado corretos.

O campo em que os diálogos são engendrados não é o do provável, embora aparente sê-lo, mas o das certezas. O que se vê na Clínica de Katzenstein não é a controvérsia que requer um debate contraditório, uma disputa entre investigadores que caminham juntos da dúvida ao consenso, optando, para isso, pela “arte de encontrar tudo o que um caso contém de persuasivo” (Porchat Pereira, 2001, p. 27). A relação entre a Psicóloga e Dona Anastácia exemplifica com perfeição o encontro de um dialético experiente na arte de persuadir com um interlocutor que ignora as técnicas de argumentação e que, por isso, deixa-se levar pelo primeiro.

É provável que os diálogos sejam uma reconstituição, mais ou menos fiel, do que realmente ocorria nas clínicas psicológicas da época, em cujas práticas Katzenstein

era bastante versada. Analisados por esse ângulo, os artigos vistos neste trabalho não trazem ensinamentos novos. A novidade está no veículo que transporta as lições – um jornal de notícias – e na forma escolhida pela autora para ministrá-las: em vez de simplesmente discorrer sobre os cânones da interlocução persuasiva, Katzenstein opta por colocar em cena personagens fictícios que imitam situações reais – recurso, aliás, examinado na *Poética* de Aristóteles (2011a). Essa estratégia pedagógica, hoje empregada com certa frequência em diversos ambientes de ensino, era pouco comum na época em que os artigos foram publicados, quando o usual eram métodos dotados de menor dinamismo.

Referências

- ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2005.
- _____. *Poética*. Tradução Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2011a.
- _____. *Retórica*. Tradução Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2011b.
- BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1997.
- CUNHA, Marcus Vinicius. *A educação dos educadores: da Escola Nova à escola de hoje*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____. A escola renovada e a família desqualificada: do discurso histórico-sociológico ao psicologismo na educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 77, n. 186, p. 318-345, maio/ago. 1996.
- _____. A desqualificação da família para educar. *Cad.s de Pesquisa*, São Paulo, n. 102, p. 46-64, nov. 1997.
- _____. *O discurso educacional renovador no Brasil (1930-1960): um estudo sobre as relações entre escola e família*. 1998. 245 f. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, Araraquara 1998.
- _____. A escola contra a família. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KATZENSTEIN, Betti. Correspondência. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 nov. 1947a. Cad. 3, p. 4.
- _____. A criança atrasada. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 ago. 1947b. Cad. 3, p. 5.
- _____. A criança superdotada. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 set. 1947c. Cad. 3, p. 7.
- _____. Crianças adotivas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 nov. 1947d. Cad. 3, p. 5.

- _____. Crianças “asiladas”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 nov. 1947e. Cad. 3, p. 5.
- _____. Crianças medrosas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12mm out. 1947f. Cad. 3, p. 5.
- _____. Os exames. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 out. 1947g. Cad. 3, p. 4.
- _____. O filho natural ... e outras crianças sem pais. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 nov. 1947h. Cad. 3, p. 5.
- _____. Notas, boletins e surpresas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 set. 1947i. Cad. 3, p. 7.
- _____. Solitários e associais. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 dez. 1947j. Cad. 3, p. 5.
- _____. Subalimentação e superalimentação lúdica. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 set. 1947k. Cad. 3, p. 5.
- _____. Os viciados. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 set. 1947l. Cad. 3, p. 5.
- _____. Crianças difíceis – crianças delinquentes. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 fev. 1948a. Cad. 3, p. 5.
- _____. Menino ou menina? *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jan. 1948b. Cad. 3, p. 5.
- MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PORCHAT PEREIRA, Osvaldo. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.